

AS ASSEMBLEIAS DE ESTUDANTES FUNDAMENTADAS EM JANUSZ KORCZAK: A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA

Autora: Mestranda Lurdinalva Pedrosa Monteiro; Orientador: Prof. Dr. Hugo Monteiro

Universidade de Pernambuco – Campus Nazaré da Mata. Email: mestradoeducacao@upe.br

Resumo: Esta investigação que está subordinada ao tema “As assembleias de estudantes fundamentadas em *Janusz Korczak*: a construção de uma escola democrática” está sendo desenvolvida com alunos e professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I na Escola Municipal Pio Guerra, localizada no Distrito da chã do Esquecido, município de São Vicente Férrer. Originou-se da necessidade em desenvolver na prática escolar juntamente com os discentes e docentes uma proposta de trabalhar com assembleias estudantis em que os resultados das mesmas possam alicerçar as práticas referentes a autonomia, empoderamento e protagonismo, nomeadamente nos anos iniciais (1º ao 5º ano). Tem como objetivo geral investigar se as concepções pedagógicas de Janusz Korczak, mais precisamente as assembleias estudantis, ajudam no processo de autonomia das crianças na escola para construção de uma escola democrática. Sobre o referencial teórico desta investigação, à emancipação individual e a consciência coletiva das crianças é peça fundamental para este estudo. Assim, inicialmente tomamos como base as experiências do médico pediatra Janusz Korczak, fundador do Lar das Criança que apresenta em suas experiências as assembleias de estudantes como propostas emancipatória da criança, bem como, Singer (2010) e Freire (1996). Considerando a importância de se conhecer mais um pouco da história do então Janusz Korczak (pseudônimo) que nasceu Henryk Goldszmit, também é preciso conhecer a criança Goldszmit e sua trajetória na educação e suas contribuições para os direitos das crianças. Historicamente, o grande educador e revolucionário dos direitos da criança, Henryk nasceu em Varsóvia em 1878 quando a polônia se encontrava em domínio russo, descendente de uma das poucas famílias da elite judaica, era filho do advogado Józef Goldszmit (1844-1896) e de Cecylia, com o apelido de solteira Gębicka (1853/4-1920). Henryk pertencia a terceira geração, instruída em curso superior, que adotava uma vida judaica secular. Continuando trajetória de Korczak, o mesmo foi educado dentro do próprio lar até os sete anos, como era de costume em alguns círculos restritos. Estudou em escola russa elementar, no qual era proibido estudar história e a língua polonesa. O sistema das escolas daquela época era autoritário e punitivo e permitia que os alunos sofressem agressões físicas periodicamente, como puxões de orelhas ou espancamento com régua pelo professor. Seguindo ainda mais o referencial do grande educador e defensor dos direitos

da criança, vale fazer uma ressalva sobre suas origens, pois o pensamento e as concepções de Korczak, perpassam por décadas e cada vez seu legado se tornando um referencial para os educadores. Não resta dúvida que a política educacional aqui marcada por pequenas retrospectivas de korczak, influenciou para muitos leitores nos atos e ações. O estudo aqui centrado tem pretensão de remeter o leitor a reflexão. Entendendo também, que sua vida e obra, bem como em citar um pouco da biografia como apoio, tem como contributo a explicitação de um novo saber sobre o tema. Korczak esperava que as crianças fossem felizes por poderem decidir, aprender e não ficarem limitadas a obedecer a ordens e regras criadas e impostas por educadores autoritários e indiferentes à realidade e lógica infantis. É importante ressaltar que não existia uma hierarquia na distribuição das tarefas entre as crianças. Korczak sempre defendeu o valor de qualquer trabalho desenvolvido com dignidade, fosse ele intelectual ou manual. Korczak apresentou, ao longo de sua vida, uma inspiração cômica e demonstrou nesse encontro, uma atitude divertida e surpreendente, quando utilizava de pseudônimo para escrever seus textos. Percebe-se que, em sua trajetória de vida mostra muita abertura para novas experiências e conhecimentos. Korczak foi um dos primeiros a pensar uma formulação de leis e regimentos em defesa da criança. Dentro deste contexto de repressão e incompreensão, afirma-se na obra a necessidade de se construir uma boa escola, uma nova escola, que, entre outras coisas, visasse à valorização da criança. Ao colocar a criança no centro do processo educativo, o movimento escolanovista dá ao aluno a liberdade de errar e se corrigir, respeitando o tempo que cada educando necessita para desenvolver seu raciocínio. Ocorre aqui a legitimação da criança no que diz respeito aos seus direitos e deveres. Na contracorrente de seu tempo, Korczak conclamava os contemporâneos a ouvirem a voz das crianças pequenas:

Costumamos ocultar os nossos próprios defeitos e atos condenáveis. A criança não tem permissão para criticar-nos, nem para constatar as nossas fraquezas, vícios e hábitos ridículos. Fingimos que somos perfeitos. Valendo-nos de graves ameaças, defendemos os segredos do grupo que está no poder, da casta dos iniciados, dos encarregados de uma sagrada tarefa. Só a criança pode ser impunemente posta no pelourinho. Trapaceiros convictos, jogamos contra as crianças com cartas marcadas. Usamos os ases de nossas qualidades adultas para derrotar as fraquezas da idade infantil. Damos um jeito para distribuir as cartas de tal modo que tudo que temos de melhor e mais precioso se oponha àquilo que elas têm de pior. Onde estão os nossos adultos levianos e irresponsáveis, nossos glutões, idiotas, preguiçosos, vagabundos, aventureiros, mentirosos, trapaceiros, alcoólatras e ladrões? Nossas violências e 13 nossos crimes, conhecidos ou dissimulados? Quantas querelas passam sob silêncio, quantas armadilhas, invejas, maledicências e chantagens, quantas palavras que ferem, quantos atos que envergonham? Em quantas silenciosas tragédias familiares as crianças acabam sendo as primeiras vítimas, os primeiros mártires? E ainda ousamos acusar e culpar as crianças? (KORCZAK, 1986, p.82-3).

Em nossos dias, ainda são frequentes, “em sala de aula, em situações familiares ou mesmo nas ruas – a humilhação da criança pelo adulto, a exposição de sua alma ao ridículo e o recalque proposital

de sua espontaneidade. “Os adultos grandes não costumam levar a sério as crianças pequenas”. (MARANGON, 2007, p.183). Quantas crianças são apenas interpeladas por gritos? Quantas crianças são surradas por familiares sem qualquer possibilidade de se defender dos abusos? Quantos pais não descontam nos filhos seus ressentimentos por um casamento falido ou por suas desventuras amorosas e profissionais? Como a criança pode se defender daqueles que deveriam ser os agentes de sua proteção? Mais do que isso: “qual é a voz que um filho tem para contar ao mundo que o pai o espancou com a força de um adulto?” (MARANGON, 2007, p.183). Com tudo isso, a única coisa que não pode ser esquecida é a de que a responsabilidade por criar, por educar e ensinar pertence aos adultos. Se os educadores não podem prescindir de tal caráter diretivo da ação pedagógica, precisarão assumir esse ofício; e pensar sobre os valores aos quais aderiram e que pretendem transmitir a seus filhos ou alunos. Como formar as novas gerações para a tolerância e para o convívio em paz? Antes de tudo, que os atos sejam coerentes com as palavras. Que se saiba reconhecer as razões do outro. As crianças aprendem com palavras; mas aprendem, sobretudo, com os exemplos. Na escola, o professor é o grande intermediador desse trabalho, e ele tanto pode contribuir para a promoção de autonomia dos alunos como para a manutenção de comportamentos de controle sobre os mesmos. Quanto mais alternativas de atuação pedagógica o professor tiver experimentado/desenvolvido durante a sua formação inicial, melhores condições pessoais e profissionais disporá para atuar com seus alunos e no conjunto das atividades escolares. Neste contexto, para se tornar mais importante este estudo, propomos não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites, e sim, começar pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, ouvindo simplesmente as crianças no seu cotidiano escolar. Segundo Freire (1996, p.10), “de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudança”. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa-ação, com uma abordagem qualitativa. Esta etapa propõe mostrar de forma detalhada os caminhos percorridos pelo observador para desenvolver a pesquisa e alcançar os objetivos. Minayo (2007, p. 44) define metodologia de forma abrangente e concomitante:

(...) a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às investigações; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Portanto, com as formas apropriadas e necessárias metodologicamente, o trabalho terá confiabilidade sobre o que está sendo pesquisado, a fim de tornar-se um objeto cientificamente



qualificado. A coleta de dados está se desenvolvendo a partir das entrevistas semiestruturadas e a construção das assembleias de estudantes. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, estamos em processo de coleta de dados. Trata-se de um tema emergente, que a priori irá construir um campo e análise específico está sendo com amostragem de 15% das crianças dos anos iniciais e 06 professores das referidas séries, pensando em subsidiar novos estudos que desperte o interesse dos pesquisadores sobre a autonomia, empoderamento e protagonismo no espaço escolar como perspectiva de escola democrática. Em relação aos resultados, a pesquisa está tomando os passos iniciais, apropriando-se dos estudos teóricos a serem utilizados, realizando visitas à escola, primeiros contatos com os alunos e professores das referidas séries mencionadas. Estamos começando a organizar os relatórios em diário de bordo, uma ferramenta essencial para apropriação das nossas coletas. Esperamos que ao final deste trabalho, os resultados possam contribuir para que outras escolas possam tomar como modelo e construir um novo conceito em relação a escola, autonomia e democracia.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. 14 ed. São Paulo: Summus, 1981.

_____. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Diário do Gueto**. Tradução: Jorge Rochlitz Título original em francês: Journal Du Gheto. Coleção Elos. Dirigida por J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1986.

_____. **Como amar uma criança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

SINGER, Helena. **República de Crianças**: sobre experiências escolares de resistência. Ed. ver., atual. e ampl. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

MARANGON, Ana Carolina Rodrigues. **Janusz Korczak**: precursor dos direitos da criança. São Paulo: Editora UNESP, 2007.